

INQUÉRITOS À ARQUITETURA POPULAR EM PORTUGAL: UMA APROXIMAÇÃO METODOLÓGICA.

MARIA AMÉLIA CABRITA ANASTÁCIO
E TERESA MARAT-MENDES

Escola de Tecnologias e Arquitetura, Instituto Universitário de Lisboa ISCTE-IUL

Palavras-chave: inquéritos, habitat, arquitetura popular, Tipologias de habitação, tipo-morfologia

1. INTRODUÇÃO

O presente texto corresponde a uma pesquisa no âmbito da arquitetura, utilizando conceitos, fundamentos teóricos e metodologias da *Morfologia Urbana*, constituindo parte integrante de outros trabalhos em curso, nomeadamente sobre o tema da habitação, no *Programa das Casas Económicas*, que o Estado Novo promoveu durante as décadas de 1930/40. Os fundamentos políticos e ideológicos daquelas iniciativas ultrapassavam a intenção de resolver o problema habitacional, resultante da atração aos centros urbanos da população rural (Pereira, 1966). A ideia de que Portugal se continuaria a identificar como um país sobretudo rural, na preservação dos valores associados (Branco, 2010; Baptista, 1999, p.15), concede um lugar e um papel à habitação rural que nos remete para a questão de que modelo, rural ou misto, foi posto em jogo— desde logo despertando o interesse pelo tema da arquitetura popular, em cujos estudos avulta sempre a casa. O objeto central desta pesquisa é o *Inquérito à Arquitetura Regional*, levado a efeito pelo Sindicato Nacional dos Arquitetos Portugueses, a partir de 1955, publicado pela primeira vez em 1961 com o título *Arquitetura Popular em Portugal*. Perante a tendência atual para a uniformização do habitar, pela urbanização

intensiva (Benevolo, 1981), pela generalização de melhores condições de vida, revisitamos, em Portugal, por um lado, o país rural que já não existe, em aldeias e campos abandonados, que nenhum programa de incentivo ressuscitará e, por outro, face à *Arquitetura Popular em Portugal*, interrogamos o tempo, os modos de vida, as ideias que nos precederam e que vivem ainda, que são Memória e património coletivo, ao qual devemos a lógica do reconhecimento, da continuidade. Ao mesmo tempo, surgem formas diversificadas de habitar que tendem a recuperar valores associados à arquitetura espontânea, de cariz popular (Leal, 2008). Quando consideramos as fontes para pesquisa dos diferentes aspetos do Inquérito, deparamo-nos com uma certa ordem, já explicitada (Maia, 2012) que põe em destaque, para além da publicação, incluindo as várias edições: (i) Os testemunhos dos autores, nomeadamente: Dias, F.S. (1999); Menéres, A. (1999); Pereira, N.T. (2000); Esteves, J. e Mestre, V. (1987); (ii) Os estudos de história e crítica de arquitetura que referem a importância do Inquérito, (Maia, 2012). Para a presente pesquisa, partimos da constatação da importância das introduções geográficas nos relatórios de todas as seis Zonas que compõem a Arquitetura Popular, num registo interdisciplinar, assinalando desde logo a influência de Orlando Ribeiro (1911-1997), evidenciada na orientação e nos conteúdos do trabalho dos arquitetos. Pretendemos destacar os seguintes aspetos: (i) as meto-



dologias de inquérito propostas por Orlando Ribeiro, cujas matrizes teóricas e práticas vamos encontrar em Inquéritos homólogos: dos primórdios da Geografia Humana e da Geografia dos Assentamentos (Stone, 1965), nomeadamente em A. Demangeon (1872-1940)¹; (ii) as questões tipológicas² (habitat/povoamento e habitação) nas propostas dos geógrafos; (iii) a síntese e conclusões de análise efetuada à Arquitetura Popular em Portugal, em confronto com os pontos anteriores, mas também avançando conclusões da pesquisa quanto à presença de elementos de análise tipo-morfológica, conceito do âmbito da Morfologia Urbana, adiante explicitado. Finalmente, espera-se que esta abordagem possa acrescentar conhecimento e seja um contributo real à análise interdisciplinar e à prática da arquitetura.

2- INQUÉRITOS HABITAT RURAL/ POVOAMENTO

Em Ribeiro et. al. (1989) estão reunidos, em conjuntos temáticos, trabalhos anteriores de H. Lautensach (1886-1971) e Orlando Ribeiro (1911-1997), com comentários e actualização de Suzanne Daveau. O capítulo IX é dedicado ao Povoamento. De acordo com Suzanne Daveau, “Orlando Ribeiro interessou-se sempre pelo povoamento rural, considerado por ele como a marca, na paisagem, da diversificada evolução histórica e dos modos de vida do campo” (Ribeiro et al., 1989, p. 878). É nesse contexto que se inserem duas iniciativas do mesmo ano de 1938,

indicadas pela autora como prova deste interesse: apresentação de uma comunicação sobre o tema, no Congresso Internacional de Geografia de Amsterdam e a promoção de um Inquérito, “largamente difundido, do qual resultaram numerosas respostas, arquivadas no Centro de Estudos Geográficos de Lisboa”. A autora refere outros inquéritos, considerando que a publicação incompleta (Basto, 1943; Barros, 1947) do Inquérito à Habitação Rural, é sintomático do desinteresse sobre o tema, assim como “o abundante material reunido por outro vasto inquérito, levado a cabo pelo sindicato dos arquitetos portugueses, não tenha suscitado o tratamento aprofundado que merecia” (Ribeiro et al., 1989, p. 879). Sugere que era possível ter avançado para uma classificação tipológica da casa rural. Os etnólogos, por seu lado, “realizaram um trabalho notável, de recolha e arrumação de material, que não diz só respeito às casas e abrigos rurais, mas às mais variadas formas da cultura material do campo e do litoral” (Ribeiro et al., 1989, p. 879). Refere-se, obviamente a Jorge Dias e a sua equipa³. Em Ribeiro (1991), encontramos, por um lado, a transcrição do texto relativo ao projecto de Inquérito do Povoamento Rural, cuja primeira edição, de 1938 e segunda, de 1939, exibia o termo Habitat, substituído nos Opúsculos por Povoamento⁴ e, por outro lado, também o artigo referido por Daveau, de 1938, intitulado L’Habitat Rural au Portugal.

¹ A. Demangeon, geógrafo francês, foi um dos promotores e construtores da moderna Geografia Regional e Humana, cujo 1º impulso tinha sido dado por Vidal de La Blache (1946), colaborando com sociólogos e historiadores, relevando o valor do trabalho de campo e dos Inquéritos diretos; participou na União Geográfica Internacional e publicou textos, alguns aqui referidos, nos Annales de Géographie, divulgando os seus trabalhos sobre variados temas, mas distinguindo-se no que ao habitat rural diz respeito (Wollf, 2005; Stone, 1965)

² A definição de tipo é a adotada por Rossi (2001, p. 52): ao contrário de modelo, objeto a repetir tal qual é, o tipo é um objeto segundo o qual cada um pode conceber obras que não se assemelhem. Isto porque terão em comum algo de essencial e invariante, uma constante que, no entanto, permite variações e passa pela indagação das origens e da causa primitiva: nenhum tipo se identifica com uma forma, mas todas as formas arquitetónicas são reconduzíveis a tipos.

³ António Jorge Dias (1907-1973), figura relevante da moderna antropologia portuguesa, reuniu uma equipa de especialistas, nomeadamente os assinalados, conferindo um carácter alargado e inovador aos estudos antropológicos, de acordo com três aspetos: (i) a importância dos trabalhos de campo; as monografias sobre o comunitarismo agro-pastoril (Vilarinho da Furna e Rio de Onor), focalizando os modos de vida e a cultura popular, com forte influência de Orlando Ribeiro; (ii) as tecnologias tradicionais; (iii) a caracterização da cultura portuguesa (Saraiva, 2013)

⁴ Explicação de Orlando Ribeiro: “Habitat é uma palavra usada pelos naturalistas para designar a área de uma espécie e as condições ecológicas dessa área. Por isso passei a usar povoamento no sentido do francês Habitat, do inglês Settlement, do alemão Siedlung. Povoamento designa assim tanto a maneira como o ato de povoar, na verdade estreitamente entrelaçados” [1963]- Aglomeração e Dispersão do Povoamento Rural, In Ribeiro (1991) Opúsculos Geográficos, IV Vol. p. 300, nota



2.1 ORLANDO RIBEIRO – INQUÉRITO DO HABITAT RURAL

O texto do Inquérito de Orlando Ribeiro (1939) está estruturado da seguinte forma: (i) Considerações Preliminares (ii) I- Habitação Rural (iii) II- Povoamento Rural (iv) III- Propriedade e Exploração da Terra. Em (i) o autor expõe: 1- Definição de estudo do povoamento rural, distinguindo-o do urbano, pelo modo de vida predominante da população, incluindo vilas pouco importantes a casas isoladas; 2- Metodologicamente vai considerar dois aspetos: morfológico (a forma) e genético; 3- Define o objetivo genérico do Inquérito: “provocar respostas que auxiliem o estudo deste importante ramo da ciência chamada Geografia Humana” (Ribeiro, 1991, p.283) e adianta, relativamente aos métodos, incluindo: investigações; exame e observação direta das povoações; exame de mapas, estatísticas e documentos históricos. Como resultado preliminar da observação local, estabelece desde logo seis alíneas, onde se esboça uma organização, mais tipológica que regional: a) Minho; b) Trás-os-Montes, Beira Transmontana, parte oriental da Beira Baixa; Alentejo e parte sul do Ribatejo; Beira Alta, Estremadura e Algarve Baixo; Ria de Aveiro; pontos dispersos do litoral, Póvoa de Varzim, Aveiro; 4- As questões de partida: “como explicar os diversos tipos?” (Ribeiro, 1991, p.285) e as hipóteses: causas naturais e históricas, avultando o regime da propriedade, a exploração da terra e o modo de vida dos habitantes; 5- Definindo o âmbito do trabalho, considera que “O estudo da casa é inseparável do das povoações” (Ribeiro, 1991, p.285); uma parte importante do inquérito é dedicada à habitação rural com as dependências anexas; só interessam as casas de gente do campo; não parece haver qualquer formulário. Os pontos (ii) I, (iii) II e (iv) III respeitam ao inquérito propriamente dito, com as perguntas ordenadas numericamente.

No que respeita a Habitação Rural, o tema será retomado adiante, no capítulo próprio.

2.2. ALBERT DEMANGEON: UM MODELO DE INQUÉRITO DE DIVULGAÇÃO INTERNACIONAL

Tendo em conta a formação de Orlando Ribeiro, o seu relacionamento com Albert Demangeon (Daveau, 2008), bem como a sua participação nos Congressos já referidos, propomo-nos um exercício de comparação com o trabalho desenvolvido por Demangeon relativamente ao método dos inquéritos em Geografia Humana, com cujos resultados Orlando Ribeiro deve ter tomado contato, referindo algumas vezes este seu mestre⁵.

Publicados em *Annales de Géographie*, vamos encontrar, nomeadamente, os seguintes artigos de Demangeon, relacionados com o tema do habitat e do povoamento (peuplement):

Enquêtes Regionales. Type de questionnaire, 1909

Un Questionnaire sur l' Habitat Rural, de 1926

Trois questionnaires et trois enquêtes de géographie humaine, de 1936

O primeiro, *Enquêtes Regionales. Type de questionnaire*, de 1909, é apresentado como um modelo de inquérito que Demangeon elaborou e pôe à disposição da comunidade científica. Era dirigido a quem conhecesse a região; dividido em seções, que vão das características do solo, clima, hidrografia, arborização, culturas, gado, até à indústria e comércio, propriedade e exploração, habitação, aglomerados e população, incluindo um grupo de questões sobre as designações populares das divisões territoriais (Demangeon, 1909, p.78-81). Trata-se portanto de um questionário de âmbito geográfico, que o autor tinha concebido e testado em 1906, segundo Wolff (2006), no qual Orlando Ribeiro (1938) se vai basear para produzir o Inquérito de Geografia Regional, eventualmente o seu primeiro ensaio de inquérito.

O segundo, *Un Questionnaire sur l' Habitat Rural*, de 1926, resulta da nomeação, pelo Comité Executivo da União Geográfica Internacional, de uma Comissão encarregada de estudar o problema do habitat rural, na sequência

⁵ Algumas referências a Demangeon: *Opúsculos Geográficos*, Vol. IV, p. 307 e p. 373, como a figura incontornável no tema do povoamento rural (Ribeiro, 1991)



do Congresso do Cairo, em 1925, tendo em vista o Congresso seguinte, em 1928. A. Demangeon apresenta o seu Questionnaire como contributo de método e investigação, de acordo com renovação estratégica da União Geográfica Internacional (Martonne, 1925). Os objetivos eram: “Estudo do problema do habitat rural. Procurar a origem e as causas da aglomeração ou da dispersão das habitações rurais: influência das condições naturais, influência das tradições étnicas, influência dos regimes de propriedade e de cultura” e “confia à sua Comissão o cuidado de redigir um questionário” (Demangeon, 1926, p. 289). O mesmo está assim estruturado: I- Definições; II- Origem dos tipos de habitat; III- Distribuição geográfica dos tipos de habitat; IV- O habitat rural e outros aspetos da Geografia Humana; Conclusão⁶. Trata-se de um questionário prévio, preparatório de questionários concretos, pondo as questões de base sobre o tema. No terceiro artigo, Demangeon (1936) propõe, no quadro de um Grupo de Estudos de Geografia Humana, estudar três problemas importantes da sociedade rural francesa, contribuindo com inquéritos específicos, sob a forma de questionários: (i) Inquérito à habitação rural em França, (ii) Inquérito à estrutura agrária francesa e (iii) Inquérito aos estrangeiros na agricultura francesa. Para cada um dos Inquéritos, o autor define o objetivo ou finalidade do estudo, indicando também os pontos principais sobre os quais deve incidir o questionário e o método do estudo, assinalando os meios a utilizar. Retomaremos adiante este Inquérito à habitação rural em França, pela classificação tipológica proposta e para confronto com o trabalho de Orlando Ribeiro. Podemos considerar que estas estruturas de inquérito, do conhecimento deste, foram as matrizes sobre as quais terá elaborado os seus inquéritos.

3. OS TIPOS DE POVOAMENTO

O tema do povoamento é central na Geografia Humana e na Geografia dos Assentamentos (Stone, 1965). Também no Inquérito à Arquitetura Regional, encontramos elementos relativos ao povoamento, nomeadamente utilizando os conceitos e a cartografia analítica de Orlando Ribeiro. Eis o confronto dos diferentes contributos dos autores que temos vindo a considerar:

3.1 A. DEMANGEON

A. Demangeon (1927), define os grandes tipos de povoamento; refere os estudos anteriores de outros autores, conotados com a Geografia Humana em França e na Alemanha, elencando e fazendo a descrição das causas dos tipos do povoamento e sua localização.

Assinala o contraste entre habitat disperso e habitat agrupado, em diferentes regiões e faz uma descrição visual de cada um dos tipos, adiantando que a observação das cartas topográficas de grande escala é suficiente para avaliar estas situações à distância, em qualquer parte do mundo. Quanto às causas, faz apelo a uma variedade de estudos, das condições naturais, sociais, demográficas, agrícolas até à história, no que “constitui um dos aspetos mais originais da ciência dos modos de vida” (Demangeon, 1927, p. 1). Na análise que depois é apresentada, o autor conclui pela necessidade de considerar situações intermédias e mistas em relação àquela classificação inicial (Demangeon, 1927, p. 3- 9). Assinala a importância do estudo do habitat rural e da sua transformação ao longo do tempo, num mesmo país, considerando que as condições naturais não são suficientes para o explicar, devendo remontar-se às origens. São as condições do meio humano que podem determinar a evolução (Demangeon, 1927, p. 9-23).

⁶ I- Definições: questões no sentido de definir previamente os conceitos, nomeadamente, de: habitat rural; aglomeração ou concentração; dispersão; II- Origem dos tipos de Habitat: influência das condições naturais, da existência de água; influência das condições sociais e da densidade populacional no habitat; influência da economia agrícola; relação espacial entre a habitação e os campos cultivados, nos diferentes tipos de habitat; III- A distribuição geográfica dos tipos de Habitat; IV- O Habitat rural e os outros aspetos da Geografia Humana



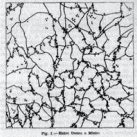

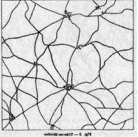
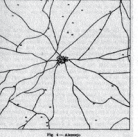
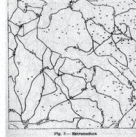
3.2. ORLANDO RIBEIRO

Orlando Ribeiro, em continuidade dos princípios e por influência de Demangeon e M. A. Lefèvre⁷, quanto ao habitat rural, utiliza o conhecimento prévio do país, num registo interdisciplinar (Daveau, 2008) e regional para desenvolver uma classificação tipológica do povoamento.

O Povoamento no Artigo *L’Habitat Rural au Portugal, 1938*

Em Ribeiro (1991, p. 289- 298), o autor apresenta um conjunto de notas preliminares, resultado de observações feitas em excursões pelo país e estudo de documentos

cartográficos e estatísticos. Estabelece a ligação entre demografia, evolução demográfica e tipologia de povoamento (Ribeiro, 1991, p. 289). O autor utiliza extratos das cartas de Portugal à escala 1: 100 000, de fragmentos-amostra com 100Km2. Uma carta de conjunto apresenta a síntese da pesquisa, com a localização das amostras (Quadro, fig. 1), a divisão do país em regiões e distritos, dando uma ideia da repartição demográfica (Ribeiro, 1991, p.297). Releva a importância interdisciplinar, tal como Demangeon: “uma classificação puramente morfológica, sem ter em conta a formação e evolução do habitat, revela-se superficial e, por vezes, arbitrária” (Ribeiro, 1991, p. 298).

FIGURA 1 ORLANDO RIBEIRO – TIPOS DE POVOAMENTO – L’Habitat Rural au Portugal - 1938					
TIPOS POVOAMENTO	I- POVOAMENTO DISPERSO 	II- DISPERSÃO ORIENTADA 	III- AGLOMERAÇÃO 	IV- ALENTEJO 	V- DISPERSÃO INTERCALAR 
CARATERIZAÇÃO	Tendência para as casas se espalharem entre os campos cultivados; grande densidade de população	As casas dispõem-se ao longo de numerosas ruas e caminhos; mesmo as grandes vilas não são mais que longas ruas bordejadas de casas	Freguesias são muitas vezes formadas por uma só vila grande, sendo raros os núcleos pequenos e as casas isoladas	Como caso especial: grandes vilas, onde convergem as vias de comunicação; quintas isoladas (Montes) e grandes espaços desabitados.	A tendência histórica, exceto Entre Douro e Minho, é para a aglomeração; fenómenos associados à dispersão intercalar: faz-se a partir das aglomerações e desenvolvimento da pequena propriedade; pode contribuir para gerar novos aglomerados; carácter de instabilidade
REGIÕES (As indicadas no Mapa)	ENTRE DOURO E MINHO	RIA DE AVEIRO E outras planícies litorais Entre Douro e Minho e Algarve	NORTE DO TEJO- Trás-os-Montes, Terra Fria	ALENTEJO (Sul do Tejo)	ESTREMADURA
FACTORES e CAUSAS	-Historicamente existe tendência para a dispersão desde a época do povoamento de altura; continuidade de fatores de povoamento e densidade. Regime de pequena propriedade e exploração	-Não pode ainda pronunciar-se sobre a origem deste tipo de povoamento; adapta-se a solos planos, fáceis de percorrer; pode resultar de colonizações recentes	-Necessidade de defesa pela proximidade à fronteira, é explicação insuficiente, embora algumas povoações de organizem à volta de uma fortaleza; outros fatores: regime agrário comunitário; Clima rude; pequena propriedade, exploração comunitária; emigração que mantém carácter arcaico do povoamento	-Região muito seca; pouco povoada; cultura de cereais em regime de polioio; regime da grande propriedade e da exploração por rendeiros e foreiros; historicamente herdeiros de villas romanas	-Expansão populacional em regiões propícias, o litoral; divisão da propriedade, explorações individuais; reflexo da tendência para a disseminação; cria situações instáveis, é fenómeno secundário, mais ou menos recente

⁷ M.A. Lefèvre, contemporânea de Demangeon, amiga e colaboradora de O. Ribeiro, geógrafa belga, trabalhou na Geografia dos Assentamentos Rurais, inovando os métodos e os conceitos (Stone, 1965; Amaral, 1968); Lefèvre, M.A. (1925) *L’Habitat Rural en Belgique – Étude de Géographie Humaine*.(Liège), obra referida por Demangeon e A. Girão.

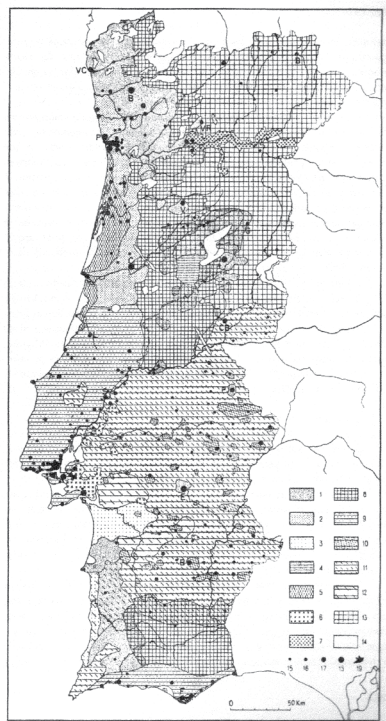


FIGURA 2

Figura 186.

Tipos de povoamento.

Figura 38 da obra original de O. Ribeiro, 1955.

Legenda:

Povoamento rural: 1. Dispersão quase completa (tipo minhoto); 2. Dispersão em pequenos núcleos; 3. Dispersão em manchas isoladas; 4. Dispersão ao longo dos vales; 5. Dispersão orientada; 6. Foros e montes do Sul; 7. Quintas do Douro; 8. Lugares aglomerados (tipo serrano); 9. Lugares aglomerados, com dispersão intercalar (Estremadura e Algarve); 10. Aglomeração com muitos montes; 11. Aglomeração com dispersão intercalar de montes (tipo alentejano); 12. Aglomeração com raros montes; 13. Aglomeração pura (tipo trasmontano); 14. Áreas despovoadas.

Povoações: 15. de 2000 a 5000 habitantes; 16. de 5000 a 10 000; 17. de 10 000 a 20 000; 18. mais de 20 000 habitantes; 19. Lisboa e Porto.

MAPA DOS TIPOS DE POVOAMENTO, fig. 186 (Ribeiro, et al. 1989, p. 863)

Nota: Este mapa do Povoamento, inserido originalmente na Geografia de Espanha e Portugal, de 1955, foi utilizado pelas equipas de arquitetos do Inquérito à Arquitetura Regional para o tema do Povoamento.



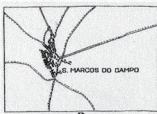


3.3. AMORIM GIRÃO

Amorim Girão (1895-1960), geógrafo e professor da Universidade de Coimbra contemporâneo de Orlando Ribeiro, contribuiu para o avanço da Geografia em Portugal como disciplina científica universitária. No capítulo da Geografia de Portugal dedicado ao povoamento, o autor parte do princípio do “instinto gregário do homem” (Girão, 1941, p. 258) para chegar às diferentes formas de distribuição das habitações na paisagem. Sem estabelecer distinções de natureza, mas antes traçando uma sequência, o argumento que começa na casa rural, primeiro marco de ocupação humana na paisagem, acaba nos assentamentos urbanos. Como se pode verificar no Quadro anexo, (figura 3), há pontos em comum com Orlando Ribeiro; são considerados quatro tipos de povoamento (Girão, 1941, p. 258-263).

3.4 O INQUÉRITO À ARQUITETURA REGIONAL

Apresentado como consequência imediata do Congresso Nacional de Arquitetura de 1948 (Tostões, 1997, p. 159; França, 2009, p. 297-298), a realização do Inquérito tem, a par de outras, uma figura de destaque, o arquiteto Keil do Amaral, pela sua influência pessoal e pelas diligências junto das entidades oficiais, embora sem êxito (A.A.P., 1980, p. XIII). É na sequência de uma nova solicitação da parte da direção do Sindicato, em 1954, que tem início o processo, com a publicação do Decreto N.º 40 349 de 19 de Outubro de 1955. Keil do Amaral tinha publicado, em 1947, um texto, Uma Iniciativa Necessária, lançando a ideia do Inquérito contra os mal-entendidos quanto à arquitetura portuguesa (Amaral, 1999 [1947], p. 125). O objetivo é a “recolha e classificação de elementos peculiares à arquitetura portuguesa



FIGURA 3 AMORIM GIRÃO – TIPOS DE POVOAMENTO – GEOGRAFIA DE PORTUGAL - 1941				
TIPOS POVOAMENTO	I- POVOAMENTO DISPERSO OU DISSEMINADO	II- POVOAMENTO AGLOMERADO OU AGRUPADO	III- POVOAMENTO CONCENTRADO	IV- POVOAMENTO MISTO: A- DISPERSÃO ORDENADA; B- AGLOMERAÇÃO COM TENDÊNCIA PARA A DISPERSÃO
				 
CARATERIZAÇÃO	As casas de habitação encontram-se afastadas umas das outras, muito espalhadas na paisagem, desordenadamente	Agglomeração de casas que corresponde à associação contra o isolamento dos habitantes; surgem freguesias de um só povo	Último termo da aglomeração: raras mas grandes povoações aglomeradas	Tipos intermediários dos anteriores, mistura de caracteres: A- Dispersão Ordenada: povoamento ao longo das vias de comunicação; B- Aglomeração com tendência para a Dispersão
REGIÕES	Entre Douro e Minho; Planícies fluviais do Centro; Encosta algarvia voltada a sul; pequenos retalhos alentejanos	Regiões montanhosas e planálticas interiores de Portugal, Trás-os-Montes e Beira Transmontana	Alentejo e parte da Beira Baixa	A- Litoral de Entre Douro e Minho; Beira Litoral; Vale de Besteiros, vale do Mondego; B- regiões da Estremadura, Ribatejo zonas irrigadas Alentejo interior e faixa litoral de Alentejo e Algarve
FACTORES e CAUSAS	Regiões pluviosas (exceto altitude), onde a água abunda à superfície ou através de poços; terrenos férteis, regime agrário contínuo; ocupação humana mais antiga; tendência moderna do povoamento rural; colonizações modernas	Regiões de solo pobre e clima rigoroso, mais secas, menos povoadas, vida rude, de isolamento, aglomeração que continua a tradição de povoamento mais antigo, com necessidade de defesa	Regiões onde se acentuam as características das anteriores: falta de água impõe o afoihamento, com longos períodos de pousio	A- As vias de comunicação como elementos estruturantes do povoamento; B- Corresponde à expansão das povoações no regime de aglomeração

nas diferentes regiões do país, com vista à publicação de um livro”, onde se pudesse encontrar as “bases para um regionalismo honesto” (Amaral, 1999 [1947], p. 125). Ele preconiza que se procure na arquitetura popular a identidade do país, averiguando as diferentes formas de adaptação às condições de vida; de onde resultarão lições para os arquitetos e a sua prática profissional (Amaral, 1999 [1947], p. 125). Preconiza ainda os métodos e os recursos para o empreendimento (Amaral, 1999 [1947], p. 126). No mesmo ano, 1947, o arquiteto Fernando Távora (1923-2005), no Porto, publica o texto O Problema da Casa Portuguesa,

o qual já havia sido divulgado em 1945. Parte da crítica à Casa à Antiga Portuguesa, e ao distanciamento cada vez maior em relação à modernidade. Aponta um caminho que passa pelo estudo (i) do meio português e da arquitetura portuguesa existente. Também para Távora a arquitetura popular continha lições, pois a casa popular “é a mais funcional e a menos fantasiosa, numa palavra, aquela que está mais de acordo com as novas intenções” (Távora, 1947). Foram decerto estes princípios que orientaram na ESBAP iniciativas que antecipavam o Inquérito e para ele contribuíram⁸. Em Lisboa, Nuno Teotónio Pereira, após o curso de

⁸ Em Portugal, o interesse pelo estudo do Habitat, pelos Arquitetos é sobretudo evidente na Escola Superior de Belas Artes do Porto, a partir de 1953, com a presença de Orlando Ribeiro e através das iniciativas pedagógicas e trabalhos escolares que anteciparam o Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa (Moniz, 2011). A participação de uma equipa portuguesa no X Congresso dos CIAM, que teve lugar em Dubrovnik, em Agosto de 1956, composta pelos Arquitetos Viana de Lima, Fernando Távora e Lixa Filgueiras e com a colaboração do Eng. Napoleão Amorim e dos arquitetos estagiários Arnaldo Araújo e C. Carvalho Dias, evidência o interesse dos arquitetos portugueses no tema, Habitat Rural, que se encontrava em discussão pelas principais organizações de arquitetura internacional. Por outro lado, já em 1951 Lixa Filgueiras havia defendido o seu Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquiteto (CODA) com o título ‘Urbanismo: Um tema rural’, preconizando uma prática metodológica e teórica de apoio ao projeto de arquitetura que viria a ser explorada da escola de Belas Artes do Porto.



arquitetura, vai frequentar algumas aulas de Orlando Ribeiro na Faculdade de Letras (Catálogo Exposição, 2004), sem qualquer ligação à ESBAL. O Decreto-Lei nº 40 349 definia as condições, processos gerais e os objetivos do trabalho cometido ao Sindicato Nacional dos Arquitetos, destacando-se a fixação ou recuperação de tradições construtivas pelo seu “valor prático para o desejado aportunuesamento da arquitetura moderna no nosso País”.

A Planificação do trabalho- objetivos e métodos

No documento de Planificação⁹ do Sindicato, é definida a composição das equipas, o papel do chefe de equipa, remunerações e prazos, bem como os aspetos sobre os quais se deve incidir:

Esclarece-se “mais uma vez, que não se trata de fazer um inventário dos elementos arquitetónicos, dos edifícios, e dos conjuntos, com interesse pitoresco ou monumental, mas de estudar as raízes regionais daqueles aspetos das edificações e dos aglomerados, evidenciando a sua coe-rência”. As zonas de cada equipa permitem a seleção de áreas mais significativas, não se trata de um levantamento exaustivo. Constan indicações relativas a metodologias, nomeadamente o que respeita a fotografias e desenhos. O sindicato fornece, para além dos mapas das estradas, cartas de cada zona à escala 1: 50 000 do IGC, ou as Cartas do Estado Maior à escala 1:25 000¹⁰. Na ausência ou rarefação de referências bibliográficas e documentais, conforme

se pode verificar, na obra *Arquitetura Popular em Portugal*, a busca das origens da cartografia e outros elementos apresentados foi aqui limitada ao assunto do povoamento. Do exposto pode concluir-se que Orlando Ribeiro, portador dos conceitos, princípios teóricos e práticos que informavam à época uma Geografia dos Assentamentos, incluindo metodologias de inquérito ao Habitat, vai dar um contributo importante, diretamente, através de vários contatos e indiretamente com a sua obra, para a análise geográfica e interdisciplinar, que os arquitetos vão empreender ao lançarem mão do trabalho que se propuseram. A legenda da Figura 4 explicita alguns aspetos que provam aquela filiação¹¹.

4. HABITAÇÃO RURAL- PARA UMA CLASSIFICAÇÃO TIPOLOGICA

Albert Demangeon

Albert Demangeon (1920) apresenta um ensaio de classificação tipológica da habitação rural, com base na observação e trabalhos anteriores, sobretudo o de A. De Foville, *Enquête sur les conditions de l' habitation en France. Les maisons-types*, 1894 e 1899. O esquema tipológico que aqui se reproduz e sintetiza em quadro (Figura 5), foi depois revisto e mais sistematizado (Demangeon, 1936). O autor considera que a habitação do camponês “representa o que há de permanente e de pessoal no estabelecimento humano; é ali que ele abriga os seus bens, as suas colheitas, os

⁹ A partir de cópia do documento original, cedida pelo arquiteto António Meneres.

¹⁰ Silva Dias (1999), participante no Inquérito, na Zona 4, adianta, em relação às orientações: “cada equipa deveria adaptar esse guião aos métodos de análise que considerasse mais adequados às características da zona que estudava, sugerindo que se olhasse sempre para os seguintes aspectos: Caracterização regional da área em estudo, o relevo, a geologia, o clima, os cultivos, a divisão da propriedade, as estruturas de povoamento, a economia, a história, a cultura, para daí inferir tipologias de edifícios e morfologias de aglomerados, tendo presente uma grelha “multi-critério”, com entradas correspondentes a programas, materiais, processos construtivos, elementos formais caracterizantes, número de pisos, organização interna, relação com a envolvente e todas as outras que as equipas entendessem necessário incluir de acordo com a realidade observada” (Dias, 1999, p.116).






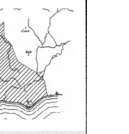
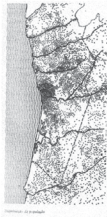








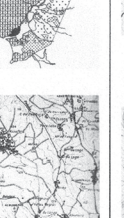
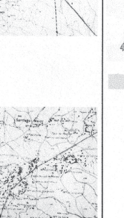
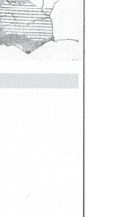
¹¹ Referências bibliográficas e documentais (Figura 4), assinaladas de forma incompleta e que é possível reconstituir: Legenda:

(1) Zona 1: Ribeiro (1955) Tomo V, in Téran, Manuel de (1955) *Geografia de España y Portugal* (Montaner y Simón, Barcelona)]. (2) Zona 1; Zona 2; Zona 3; Zona 4; Zona 6: Idem (3) Os recortes ilustrativos dos tipos de povoamento terão sido reproduzidos a partir das cartas militares à escala 1: 25 000. ZONA 5: (a) Girão, Amorim A. (1933) *Esboço de uma Carta Regional de Portugal* (Imprensa da Universidade, Coimbra); ZONA 6 (pela ordem do texto): (b) Ribeiro, O. (1998) [1945] *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, p. 189 (Mapa VI- Divisões Geográficas); Silva Lopes (1841) [Silva Lopes, J. B. (1841) *Corografia ou Memória económica, estadística e topográfica do Reino do Algarve*]; Lautensach (1932-1937) [obra sobre Portugal, editada em alemão]; Medeiros Gouveia; [Gouveia, Medeiros (1938) *Algarve: Aspectos Fisiográficos*. Dissertação doutoramento Universidade de Coimbra, Ciências Geográficas]; Mariano Feio [Feio, Mariano (1952) *A evolução do relevo do Baixo Alentejo e Algarve: Estudo de geomorfologia*]; Alexandre Herculano [História de Portugal]; Corografia de P. Carvalho, III (1712) [Costa, António Carvalho (1868-9) *Corografia Portuguesa, e Descrição Topográfica do Famoso Reyno de Portugal...*].



FIGURA 4

ARQUITETURA POPULAR EM PORTUGAL – INQUÉRITO À ARQUITETURA REGIONAL- Introduções Geográficas/ O Povoamento

	ZONA 1	ZONA 2	ZONA 3	ZONA 4	ZONA 5	ZONA 6
<p>GEOGRAFIA FÍSICA/ CARTOGRAFIA</p> <p>(Referência bibliográfica)</p>						
	<ul style="list-style-type: none"> - Relevo e hidrografia - Geologia 	<ul style="list-style-type: none"> - Altimetria e rios - Geologia- terra Fria e terra Quente 	<ul style="list-style-type: none"> - O Solo (geologia) - O Relevo - A Pluviosidade 	<ul style="list-style-type: none"> - Mapa geológico, sem designação 	<ul style="list-style-type: none"> - Mapa geológico da zona - Elementos do clima, não cartográficos - Divisão sub regional da Zona (a) 	<ul style="list-style-type: none"> - Divisões Geográficas (b) - Pluviosidade - Quadro temperaturas anuais -Geologia
<p>GEOGRAFIA HUMANA/ CARTOGRAFIA</p> <p>(Referência bibliográfica)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Tipos de culturas agrícolas - Cartas pré-históricas (Amorim Girão) - Esquema das Estradas Romanas 	<ul style="list-style-type: none"> - Culturas - Sentido das correntes de trocas 	<ul style="list-style-type: none"> - Os Cultivos - Economia Agrícola (regimes de cultivo) - Materiais correntes de construção 	<ul style="list-style-type: none"> - Divisão da propriedade - Formas de cultivo - Materiais de construção, sem designação - Agricultura, pesca e salinas 	<ul style="list-style-type: none"> - Divisão da propriedade (planta cadastral parcial) 	<ul style="list-style-type: none"> - Economia agrícola - Materiais de construção
<p>POVOAMENTO/ CARTOGRAFIAS</p> <p>(Referência Bibliográfica ou documental)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Distribuição da População (1) - Tipos de Povoamento (2) 	<ul style="list-style-type: none"> - Tipos de fixação no vale do Douro 	<ul style="list-style-type: none"> - Tipos de Povoamento (2) 	<ul style="list-style-type: none"> - Distribuição da População- Tipos de Povoamento- (2) Cartografia oficial (3) 	<ul style="list-style-type: none"> - Tipos de povoamento- (3): (Concentrado s/ fundo disseminado; disseminado; concentrado) - Estrutura populacional urbana 	<ul style="list-style-type: none"> - Tipos de Povoamento (2)
<p>DENSIDADE POPULACIONAL</p>						
<p>TIPOS DE POVOAMENTO</p>						

seus utensílios, os seus animais, o seu lar, a sua família”. Modelada de acordo com os gostos e as necessidades do seu proprietário, como obra saída das suas mãos, dotada de vida por certa familiaridade, a casa é uma espécie de criatura, é “a expressão, modelada pelos séculos, da vida rural” (Demangeon, 1920, p. 352). A grande variedade regional, não deriva tanto dos diferentes materiais e do seu tratamento, mas sobretudo pela sua organização interna. Resultante de uma longa evolução, herdando e sintetizando a experiência de muitas gerações, a casa “forma, na realidade, um utensílio adaptado ao trabalho do camponês” (Demangeon, 1920, p. 353)¹². Reforçando esta ideia, Demangeon diz que na reconstrução depois da guerra, os camponeses preferiam os antigos modelos de casa, melhorados, em vez de construções novas. Os elementos constitutivos de um tipo de habitação, são: a natureza dos materiais de construção, correspondendo, no passado, aos do solo local, considerando a evolução e alterações que o fabrico e divulgação dos tijolos provocam, na feição das

povoações, não permitindo já que se fale da influência direta dos materiais locais. A adaptação ao clima: as variadas e adequadas formas de proteção, evocam a ideia de um certo determinismo geográfico. A importância que o camponês dá à proximidade com os animais domésticos e de trabalho que possui, de tal maneira que os quer à mão e quase à vista (Demangeon, 1920, p. 357)¹³.

Mais tarde, Demangeon (1936) conforme já referido, vai propor um triplo questionário, sendo o primeiro dedicado precisamente à Habitação Rural. O autor reitera o interesse do tema para a Geografia Humana, propondo-se continuar o programa elaborado em 1920. Mais adiante, voltaremos ao questionário. Neste ponto, importa destacar apenas as alterações introduzidas pelo autor na estrutura de tipos de habitação proposta em 1920 e a que corresponde o Quadro de Tipologias apresentado.

Tipos de habitação considerados em Demangeon (1936):

CASA BLOCO Construção em que tudo se encontra sob o mesmo teto: dependências agrícolas, animais, habitações	CASA PÁTIO Construção composta por vários edifícios, organizados à volta de um pátio
CASA TÉRREA Com muitas sub-variedades regionais, em que os espaços funcionais aparecem justapostos	CASA DE PÁTIO FECHADO
CASA DE PISOS Com os espaços funcionais sobrepostos, habitação no andar superior; animais e espaços comuns em baixo	CASA DE PÁTIO ABERTO

¹² Isto mesmo se encontra referido noutros autores, como Max Derruau: a casa rural como “utensílio de trabalho” (1973, p. 479); e também em Veiga de Oliveira (1992, p. 13): a casa rural como “verdadeiro instrumento agrícola”.

¹³ A proximidade dos animais, sob o mesmo teto, era autêntica coabitação na Bretanha, segundo o autor, durante todo o ano e no Inverno, como defesa contra as baixas temperaturas, acontecia o mesmo em algumas regiões dos Alpes. Noutros locais, a habitação e os estábulos ocupam edifícios independentes, mas sempre contíguos ou próximos; noutros ainda, o camponês constrói um andar no qual habita, deixando o rés-do-chão para os animais. Seja qual for a solução, aquela proximidade dos haveres é um imperativo, sejam os animais, as alfaías ou os produtos agrícolas (Demangeon, 1920, p. 357).

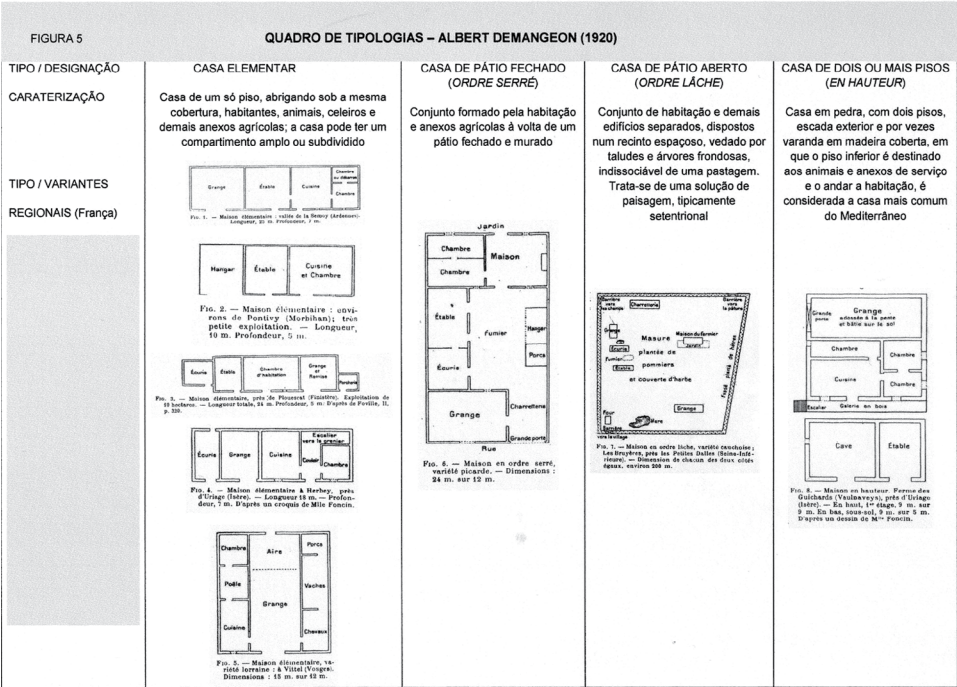


O autor admite as numerosas formas de evolução destes tipos e todos os que se podem designar como casas elementares: com dois compartimentos ou mesmo um só; casas subterrâneas e sobretudo casas temporárias, nas montanhas. O trabalho sobre as questões tipológicas da habitação rural, possibilitaram a síntese que levou ao estabelecimento de dois grandes grupos, ou tipos, a casa-bloco e a casa-pátio. Oliveira e Galhano (1992) estruturam a pesquisa sobre a arquitetura tradicional segundo estes pressupostos de Demangeon.

Amorim Girão

Amorim Girão (1941) trata do tema das casas de habitação como “a primeira marca do homem na paisagem” (Girão, p. 249), e refere-se “à casa rural, habitada pelos que se empregam no trabalho da terra, a qual está sempre mais integrada no ambiente que a rodeia”. Elementos da classificação tipológica:- Os materiais de construção, das proxi-

midades, são o que de imediato faz a ligação da casa rural à geografia, através da geologia, onde também não faltam a argila e a areia, bem como a madeira (Girão, p. 250): 1- Regiões graníticas, Norte e Centro; 2- Zonas de contacto do granito com o xisto; 3- Zonas de xisto; 4- Regiões calcárias do Centro do País; 5 -Zonas de arenito; 6- Orlas secundárias e terciárias, de afloramentos eruptivos, como ofitos, dioritos e basaltos; 7- Zonas de terreno sedimentar ou aluvial: opção pelo tijolo, adobe, argamassa, cimento. Quanto às coberturas, “tem-se generalizado o uso da telha”, mas ainda se empregam a lousa, o colmo e até a giesta (Girão, p. 251). b) As formas típicas variam em função do meio, tendo em conta dois fatores: materiais e clima. Este último vai influenciar a altura da casa— com andares no Norte em virtude da pluviosidade e humidade, sendo os telhados de várias águas e grande inclinação; no Sul as habitações são mais baixas pela secura do ar e do solo e os telhados menos inclinados (Girão, p. 253).



DEMANGEON (1936)	ORLANDO RIBEIRO (1938)
<p>I- O Objetivo do estudo</p> <p><i>Compreende duas séries de pesquisas:</i></p> <p>A- A arquitetura da habitação</p> <p>-Os materiais de construção: terra, pedra, madeira, tijolos, etc</p> <p>-O Telhado, forma e materiais: colmo, telhas planas, redondas, ardósia, madeira, pedras;</p> <p>- As dimensões dos compartimentos, das aberturas, das paredes;</p> <p>-Dispositivos de proteção: revestimentos de madeira, ardósia; cortinas arbóreas;</p> <p>- Decoração e ornamentação: cores, esculturas, desenhos, trepadeiras, etc;</p> <p>-Orientação</p>	<p>Considerações Preliminares</p> <p>Questionário, aspetos considerados:</p> <p>1- Quais são os materiais de construção empregados? Pedra (granito, xisto, calcário, etc), adobes, tijolo, madeira, etc (em 1969 o autor acrescentaria o cimento)</p> <p>2- Que forma tem o telhado? De 1, 2, 4 águas, inclinação? Há coberturas em açoteia, cúpulas, etc? Material da cobertura: Telha, lousa, colmo, etc?</p> <p>3- Como é a planta da casa? (juntar um desenho se for possível), dimensões da casa, das divisões. Quantos andares? Tem escada exterior, alpendre, varanda, coberta ou descoberta? Tem chaminé?</p> <p>4- As casas</p> <p>são rebocadas, caiadas, pintadas? As paredes são revestidas de lousa, madeira ou qualquer dispositivo de proteção?</p> <p>5- Qual a disposição e nº de aberturas? Em que fachadas?</p>
<p>B- A Planta da habitação</p> <p>Consideração descritiva dos grandes tipos referidos, casa-bloco e casa-pátio [Ver Quadro anterior]</p>	<p>Na continuação, perguntas que procuram determinar o grupo tipológico em que a casa se insere, substituindo um levantamento arquitetónico, que não estava equacionado.</p> <p>6- Nas casas com andar, para que serve o rés do chão? Os gados, utensílios e produtos da lavoura estão cobertos pelo mesmo teto da casa ou que posição relativa ocupam? Existe algum pátio?</p> <p>7- As casas são isoladas ou pegam umas com as outras? Têm orientações predominantes?</p> <p>8- Há tipos primitivos de habitação, abrigo ou arrecadações, casas redondas, sobre estacaria, temporárias para pastores e gado, etc? Que forma e materiais e nomes de designação?</p>
<p>II- O método de estudo 1^ª É necessário repartir com exatidão e definir bem o trabalho de cada colaborador. Atribuir-se-á a cada um, segundo as suas preferências, uma circunscrição mais ou menos grande: comuna ou grupo de comunas, ou área administrativa maior, evitando que haja interferências entre domínios de pesquisa. O objetivo é constituir uma carta da distribuição dos tipos de habitação rural em todo o território francês.</p> <p>2^ª Será feita uma dupla análise: quantitativa, contando as casas de cada tipo e geográfica, localizando os tipos no mapa.</p> <p>3^ª Recolha de fotografias, execução de desenhos, plantas cotadas.</p>	<p>Nas considerações: as respostas devem seguir a ordem das perguntas do inquérito e sejam escritas em folhas soltas, só dum lado. Indicar a área abrangida: freguesia, concelho, região.</p>

Os quadros (Figuras 6, 7), sintetizam as conclusões do autor, que refere Demangeon¹⁴ a propósito de a casa aldeã ser, segundo este, um fato de economia agrícola e, mais ainda que aos materiais se deve atender à estrutura e plano interno (Girão, p. 255)

Orlando Ribeiro

Precedendo os aspetos diretamente relacionados com o estudo tipológico de Orlando Ribeiro, consideremos os inquéritos que, por um lado, o autor levou a cabo em relação ao habitat ou povoamento, atrás referidos, de 1938 e que incluem um capítulo—“Habitação Rural” e, por outro, a seção do Inquérito de Demangeon (1936) que incide sobre a “habitação rural em França”.

A casa rural é, para Orlando Ribeiro, uma expressão do modo de vida, revelando a influência do meio físico e dos aspetos económicos e sociais, “símbolo de formas de civilização de que é talvez a mais característica expressão material, demarca, nos dois tipos fundamentais, a oposição entre o mundo de serranias e vales perdidos no isolamento e as planuras que a natureza e a história abriram a mais amplas influências mediterrâneas” (Ribeiro, 1989 [1945], p. 95). Face ao Quadro de Tipologias apresentado (Figura 8), com os elementos, sobretudo descritivos, que Orlando Ribeiro oferece, concluiremos com Suzanne Daveau (2005), quando fala dos tipos básicos de casas rurais tradicionais, a partir destes mesmos dados, de Amorim Girão e de Veiga de Oliveira. Diz a autora que esquematicamente se distinguem dois grandes tipos de casas rurais, as do Norte e as do Sul, com as características apontadas por Orlando Ribeiro. “A casa rural utiliza, na maior parte dos casos, os materiais de construção localmente disponíveis, mas a sua fisionomia depende sobretudo de tradições sociais, em boa parte inconscientes” (Daveau, 2005, p. 148-149). Assinala a

evolução da casa rural, com a rutura operada pelas inovações modernas, às quais as casas não puderam adaptar-se. São os emigrantes de torna viagem, os Brasileiros no século XIX e depois os Franceses e de outras proveniências, a partir de 1960, que primeiro vêm transformar a fisionomia dos núcleos rurais, expondo novas e aliciantes formas de associar o moderno e o popular (a casa do emigrante), consignando o abandono e até o menosprezo pelas casas tradicionais, às quais são associadas ideias de pobreza e desconforto, quando não de miséria e sofrimento (Ribeiro, 1977, p. 149-150).

Arquitetura Popular em Portugal / O Inquérito à Arquitetura Regional. A síntese tipológica

Os Quadros Tipológicos que todas as equipas produziram, com exceção da Zona 5, não contemplam só a habitação; parecem obedecer a uma estrutura dada, ainda que seja evidente o grau de liberdade de cada uma. Uma análise de conjunto evidencia desde logo que os arquitetos não partiram de tipos dados e, obedecendo às orientações (Associação A. P., 1987, introdução), cada equipa procurou adaptar-se à variedade arquitetónica que ia encontrando, divididos entre o deslumbramento permitido pelo olhar do arquiteto e a necessidade de colher o essencial. O confronto possível dos Quadros Tipológicos dos arquitetos, entre si e depois considerados no seu conjunto, tendo em atenção a síntese tipológica para a qual tende a Geografia Humana, devolve-nos a ideia de que os arquitetos desenvolveram um trabalho extraordinário, também de ensaio de classificação final dos tipos arquitetónicos em cada zona. Mas não chegaram a fazer uma verdadeira sistematização tipológica segundo o método dos geógrafos e de acordo com a definição de tipo (Rossi, 2001, p.52).

¹⁴ Através dos Annales ou da obra de Demangeon citada por Derruau (1973), Problèmes de Géographie Humaine. De assinalar que muitas das fotografias que ilustram este capítulo, são da autoria de Orlando Ribeiro, não sendo de desprezar a hipótese da sua influência direta, como recém chegado de Paris (Daveau, 2008). M. Lefèvre é referida por Girão (1946, p. 196).



FIGURA 6

QUADRO I DE TIPOLOGIAS - AMORIM GIRÃO (1941)

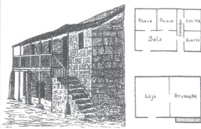

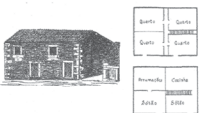

FORMAS TÍPICAS (TIPOS)	 <p>Fig. 124 - Casa de dois andares com escadaria exterior encostada à fachada. Provém das regiões do Minho e do Porto.</p>	 <p>Fig. 125 - Casa de dois andares com escadaria exterior encostada à fachada. Provém das regiões do Minho e do Porto.</p>	 <p>Fig. 126 - Casa de dois andares com escadaria exterior encostada à fachada. Provém das regiões do Minho e do Porto.</p>	 <p>Fig. 127 - Casa de dois andares com escadaria exterior encostada à fachada. Provém das regiões do Minho e do Porto.</p>
DESCRIÇÃO	<p>"Casa de Rés do chão e 1º andar, para o qual se sobe por uma escadaria exterior encostada à fachada, que dá acesso a uma varanda de madeira com alpendre" (p. 252)</p>	<p>"Casa de Rés do chão e 1º andar, para o qual se sobe por uma escadaria exterior encostada à fachada, que dá acesso a um patamar alpendrado e guardado de grandes pedras graníticas". Por vezes, "aproveita para a construção os próprios rochedos naturais" (p. 252)</p> <p>Por adaptação à economia rural, surge também a casa-pátio, como forma de transição para a casa complexa da grande exploração agrícola (p. 255)</p>	<p>"A casa diminui de altura, ao mesmo tempo que perde a escadaria exterior": casa que é considerada pelo autor uma forma evoluída tipologicamente a partir da minhota, através da forma de transição anterior. A escada tornou-se interior; a cozinha pode situar-se no piso inferior (a partir da planta apresentada pelo autor). Telhados em lajes de ardósia em casas de xisto</p>	<p>Cabanas de pescadores e palheiros do litoral, por vezes construídos sobre estacaria (p. 251)</p>
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO	Granito	Granito	Xisto; Granito e Xisto	Madeira
DISTRIBUIÇÃO REGIONAL	Minho, Noroeste do país	Trás os Montes, Beira Alta e Trasmontana	Mesmas regiões nortenhas, onde existem os materiais	Litoral do Centro do País

FIGURA 7

QUADRO II DE TIPOLOGIAS - AMORIM GIRÃO (1941)


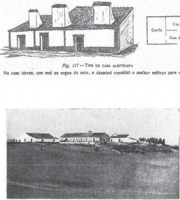


FORMAS TÍPICAS (TIPOS)	 <p>Fig. 128 - Casa de dois andares com telhado de águas verticais. Provém das regiões do Alentejo e do Algarve.</p>	 <p>Fig. 129 - Casa de dois andares com telhado de águas verticais. Provém das regiões do Alentejo e do Algarve.</p>	 <p>Fig. 130 - Casa de dois andares com telhado de águas verticais. Provém das regiões do Alentejo e do Algarve.</p>	 <p>Fig. 131 - Casa de dois andares com telhado de águas verticais. Provém das regiões do Alentejo e do Algarve.</p>
DESCRIÇÃO	<p>"as habitações tomam um aspeto mais elegante, apresentam certo aparato decorativo e motivos ornamentais muito variados... branqueadas pela cal impõem um especial cunho de garridice à paisagem" (p. 253)</p>	<p>As casas distinguem-se por serem de preferência térreas, com grandes chaminés, poucas e pequenas janelas e pelo asseio e uso intenso da cal (p. 254); O monte alentejano é um complexo ditado pela economia agrícola e isolamento, juntando todas as dependências, agrícolas e habitacionais à volta de um grande pátio (p. 256)</p>	<p>"Casa sem telhado, terminando por um terraço descoberto, não para livrar da chuva, mas antes aproveitar melhor a água que cai" Terraços que comunicam com uma cisterna e servem também para secar o peixe ou o figo (p. 255-256)</p>	<p>Cabana de pescadores</p>
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO	Arenito ou calcário. Cal, adobe, tijolos, argamassa, cimento	Arenito ou calcário. Cal, adobe, tijolos, argamassa, cimento	Arenito ou calcário. Cal, adobe, tijolos, argamassa, cimento	Madeira e junco
DISTRIBUIÇÃO REGIONAL	Beira Litoral, Estremadura, Alentejo e Algarve	Alentejo	Algarve	Algarve litoral



FIGURA 8		QUADRO DE TIPOLOGIAS- ORLANDO RIBEIRO (1998 [1945])					
TIPOS	DO NORTE			DO SUL			
							
DESCRIÇÃO	<p>Casas de planta retangular e telhado geralmente de 2 águas</p> <p>Casa com dois pisos, uma loja térrea destinada aos gados e à guarda de alfaias e produtos agrícolas, e um sobrado ou andar para habitação, onde ficam a cozinha e os quartos. Estas duas peças, sobrepostas, são todavia independentes. A entrada para a parte da habitação faz-se por uma escada exterior de pedra, paralela ou perpendicular à fachada, com patamar em frente da porta principal. Poucas aberturas, só na frente e/ou traseiras. O patamar tem muitas vezes alpendre e varanda corrida no andar em madeira, coberta pelo mesmo telhado. Algumas casas de xisto possuem 2 andares.</p> <p>Tipo com inúmeras variantes; instalações que acompanham a casa: espigueiro, canastro, eira, lagar, moinho de água, palheiros, currais, fornos de pão. No Minho e Trás-os-Montes: casas maiores, de lavoura, dispõem-se, com os anexos, à volta de um pátio, aberto ou interior.</p>			<p>Casas de planta retangular e telhado geralmente de 2 águas</p> <p>Tipo de casa que se distingue pela forma mais simples e função mais especializada: construção de um só piso, destinada apenas a habitação. Tipo de transição, é uma casa ainda de andar, mas com escada interior de madeira, que já não resguarda gados, feno ou palha. Aberturas também nas traseiras, poial de pedra à porta; chaminés, por vezes decorativas ou imponentes.</p> <p>Açoteias ou coberturas em terraço, encontram-se em casas rurais e aglomerados de pescadores, com funções de secagem de frutos e recolha de água da chuva- tipo comum no mediterrâneo.</p> <p>Como tipo a considerar, o conjunto de edifícios dispostos à roda de um pátio interior, aberto ou fechado, com habitação, palheiros, abrigos do gado, forno, etc: arraiais e coutos do sueste da Beira e os Montes Alentejanos, atingindo estes grande complexidade e dimensão.</p>			
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO	Pedra da região [granito e xisto] Cobertura de telha vã, de colmo e de lousa.			Taipa; paredes rebocadas e caladas; ornamento de barras de cores vivas, acentua a função habitacional; Coberturas de telha; tetos de esteiras, madeira ou tabuado.			
DISTRIBUIÇÃO REGIONAL	Áreas de pequena exploração associada ao pastoreio ou criação de gado lavoura. Extensivo a todo o Norte, até ao sopé da Cordilheira Central, por onde alcança o Tejo, e ao Mondego baixo Nota: Fotografias de O.R. a partir de Belo, D., (2012)			Tipo de transição: litoral da Beira, vale baixo do Mondego, por oeste, nos planos de Castelo Branco, e do Alto Alentejo. Tipo meridional, a partir do sul do Tejo pela raia e norte Estremadura por ocidente; açoteias sobretudo no Algarve.			

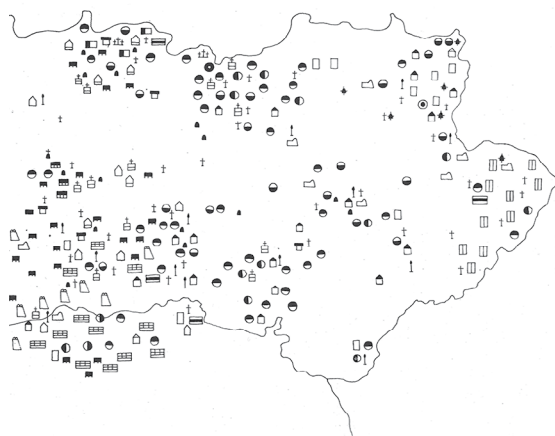
5. ABORDAGEM TIPO-MORFOLÓGICA NA ARQUITETURA POPULAR EM PORTUGAL

Uma análise do Inquérito- objetivos e método

A publicação Arquitetura Popular em Portugal, foi objeto de reedições a partir da 1ª, de 1961. Para esta pesquisa, utilizámos a 2ª edição, de 1980. De acordo com o estudo dos antecedentes, sobretudo no que dizia respeito às metodologias e pela consulta da obra, tornavam-se evidentes as variações e adaptações consentidas às equipas. Embora haja uma base comum que plasma a orientação inicial e talvez de edição, o conjunto resulta heterogéneo, na estruturação dos assuntos, na apresentação, o que não permite um confronto imediato entre os vários aspetos tratados. O ob-

jetivo desta pesquisa é reconhecer as metodologias de inquérito e levantamento, patentes na publicação em causa, os critérios utilizados e em que medida foi feita uma aproximação à análise tipo-morfológica integrando os aspetos relativos às condições geográficas, históricas e culturais de cada zona¹⁵. Estabeleceu-se uma grelha com os seguintes aspetos a determinar para cada Zona:- Introdução: determinar se o texto a inclui ou não e quais os conteúdos;- Definição de objetivos;- Dificuldades expressas;- Fundamentos Teóricos;- Referências bibliográficas;- Metodologias expressas e implícitas;- Material Gráfico e Elementos de Exposição e Análise;- Estrutura do Texto;- Avaliação de Análise tipo-morfológica- Conclusões.

¹⁵ Entendemos, no presente contexto, como análise tipo-morfológica, a que considera sempre a relação direta e indissociável, de influência mútua, entre a arquitetura, a tipologia e a morfologia dos conjuntos edificados, sejam pequenos ou grandes aglomerados, estabelecendo ou não uma escala de elementos, da unidade construída, o lote, ao espaço, praça, rua ou outro, que o conjunto construído define.



214

	Casa de 2 pisos		Varanda -de passeio-
	Casa de 2 pisos elevada saliente		Varanda construída
	Casa elevada saliente e alpendro		Chaminé de fumo
	Casa típica da Sub-região B (Zona 2)		Chaminé cilíndrica
	Varanda saliente		Forno contornado por parede exterior
	Idem, elevada		Porta canal
	Varanda recuada		Capela de alpendro
	Idem, côrtes fechadas		Esquifeiro
	2.º piso avançado		Sequeiro
	Varanda c/robusto de pedra		Forno solitário
			Alpendro de feio
			Pilares de ferro
			Almofadas
			Cruzeta

5.1. SÍNTESE DE ANÁLISE COMPARATIVA

Por razões do âmbito definido, esta síntese incide sobre três rubricas relevantes, sendo que a referente às introduções geográficas no sentido do preconizado estudo do meio se encontra já detalhada em seção própria. Teremos:

Objetivos e metodologias

Os textos que referem expressamente os objetivos específicos do estudo, são:

- Zona 1: Os arquitetos pretendem "captar e fazer sentir a realidade arquitetônica desta Zona" (AAP, 1980, p. 5);- Zona 2: Pretende-se contribuir para os estudos dos assuntos relacionados com o Habitat, graduando os respetivos complexos na região e também dar o tom geral da arquitetura

(AAP, 1980, p. 118);- Zona 6: Diferenciar a Beira Mar do Interior é um dos objetivos principais na escolha dos objetos de estudo (AAP, 1980, p. 587).

As restantes equipas não parecem preocupadas em assinalar objetivos, talvez porque contassem com os definidos em conjunto, como na Zona 5, em que os objetivos implícitos são: investigar e transmitir o partido arquitetónico, as lições a recolher da arquitetura espontânea (AAP, 1980, p. 510).

Quanto a metodologias, no que se refere a pesquisa bibliográfica, respetivas referências, o Inquérito é extremamente avaro. Com exceção da zona 1 e da 6 e mesmo assim incompletas, não há indicações, a não ser um nome de autor ou título, como se tivesse ficado ali por engano.



De um modo geral as metodologias estão implícitas, destacando-se: - Utilização de cartografia, com proveniências não indicadas;- Utilização de fotografia;- Idem de desenhos de levantamento de arquitetura; desenhos de conjuntos urbanos;- Método descritivo, para materiais de construção, processos construtivos, paisagem, etc.;- Método dedutivo.¹⁶

Análise tipo-morfológica

Como ficou assinalado, procurou-se, nesta pesquisa, que não é exaustiva, nem esgota nenhum assunto tratado, detetar a forma implícita desta análise, que também configura um método. Vimos como o próprio Keil do Amaral recomendava atenção ao binómio tipologia-morfologia. Assim, tendo os arquitetos a percepção desta relação, tendem a separar aqueles dois polos do ambiente construído. Observamos então que à incidência na descrição, por vezes exaustiva, da casa, ou da construção, dos materiais, processos e dispositivos construtivos, não corresponde a consideração justa da relação com a envolvente, sobretudo a construída. Mas pode dizer-se que há aproximações de assinalar; percepções notáveis daquele vínculo entre a arquitetura e o espaço urbano, nomeadamente:- Zona 1: a par de considerações morfológicas muito claras, destaca-se, entre outros, o descritivo tipo-morfológico relacionando a organização interna das casa com a morfologia do aglomerado; de igual modo, para as ruas de Braga com as Casas das Rótulas, já numa aproximação tipo-morfológica.- Zona 2: guiados por uma sensibilidade, diríamos, tipo-morfológica (e poética) nesta equipa, onde a presença de Lixa Filgueiras se faz notar, para além da influência de Jorge Dias, na atenção dada aos modos de vida nas aldeias comunitárias da região; há um fio condutor metodológico que permite associar quase sempre as casas ao meio de que são produto e com o qual interagem, precisamente através das características do “tecido urbano”, quando é o caso; há uma descrição morfológica, cinematográfica, de Pitões das Júnias, destacando-se o sentido intrínseco do elemento rua, da relação de escalas, da complexidade, mas também da ló-

gica da aglomeração em causa (AAP, 1980, p. 169). - Zona 4: trata situações concretas usando claramente a análise tipo-morfológica, com destaque para o recinto de N^a S^a do Cabo Espichel (AAP, 1980, p. 372-373).

6 - CONCLUSÕES

Face aos elementos de análise e confronto aqui coligidos e que não esgotam qualquer nível de investigação sobre o trabalho dos arquitetos, julgamos poder adiantar as seguintes conclusões:- Ensaando um olhar diferente para os mesmos objetos de estudo, o Inquérito propõe uma nova abordagem da arquitetura popular: - Interdisciplinar: de relevar a importância dada às introduções geográficas e enquadramento dos aspetos da Geografia, à história, à cultura arquitetónica, aos aspetos da antropologia cultural e modos de vida (sobretudo a equipa da Zona 2) - Em que se acentuam as especificidades regionais, em que se deparam com a dificuldade de estabelecer limites geográficos às tipologias definidas; apercebem-se da existência de formas de transição e de variantes, embora os Quadros Tipológicos não reflitam aquela complexidade. Podemos considerar o Inquérito à Arquitetura Popular, como o lugar da primeira aproximação a uma sistematização tipológica da arquitetura popular. No entanto, até onde foram as influências deste olhar, que tende a fazer ressaltar os aspetos formais, a estética, num contexto real que era a epitome de uma situação social, económica e cultural crítica? Percorremos os mesmos locais, objeto do Inquérito, e são poucos os vestígios do modo de vida a que aquela arquitetura e ocupação do território estavam associados. Qual o futuro operativo de tantos vestígios materiais obsoletos de um passado interrompido? Poderemos rever alguma continuidade cultural e civilizacional nas fases seguintes e sucessivas de uma ocupação que substitui, altera e expande a paisagem construída, primeiro de forma clandestina, espontânea e depois, cada vez mais espartilhada pela aplicação da urbanística, como se esta fosse um deus ex-machina do nosso desencantamento?

¹⁶ Exceções: Zona 1: pesquisa de fontes primárias, documentos do século XVII e XVIII; Zona 2: metodologias expressas: método dedutivo; o ponto de partida é a percepção de conjunto de uma zona e da análise é a casa e a compreensão dos modos de vida; o objeto de estudo é a aldeia (AAP, 1980, p. 118); Zona 3: a procura de constantes permite conclusões alargadas (AAP, 1980, p. 257); Zona 5: embora implícito, de assinalar a consideração de escalas de abordagem, do geral ao particular, da escala geográfica à arquitetura, distribuída pelas sub regiões de Amorim Girão.



Referências Bibliográficas

- Amaral, I. (1968) A Geografia através dos seus congressos internacionais. Finisterra nº 5, p. 84-101
- Amaral, K. (1999 [1947]) Uma Iniciativa Necessária. In CML, Keil do Amaral. O Arquiteto e o Humanista (CML, Lisboa) p. 125-126
- Associação dos Arquitectos Portugueses (1980) Arquitectura Popular em Portugal (AAP, Lisboa)
- Baptista, L. V. (1999) Cidade e Habitação Social (Celta Editora, Oeiras)
- Benevolo, L. (1981) As Origens da Urbanística Moderna (Editorial Presença, Lisboa)
- Branco, J.F. (2010) Ascensão e queda de uma cultura popular. Revista Antropológicas, ano 14, vol.21(1): 13-38
- Catálogo Exposição (2004) CCB : Arquitectura e Cidadania. Atelier Nuno Teotónio Pereira (Quimera, Lisboa)
- Dias, A.J., Galhano, F.Dias, M. (1984) Rio de Onor. Comunitarismo Agro-Pastoril (Presença, Lisboa)
- Dias, F.S. (1999) Keil do Amaral e o Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa. In CML, Keil do Amaral. O Arquiteto e o Humanista (CML, Lisboa) p. 113-117
- Esteves, J. e Mestre, V. (1987) A partir de uma conversa com o arquiteto Silva Dias a propósito do inquérito à arquitetura regional portuguesa. J.A. 59, p. 22 (Antologia J.A. 1981-2004, pp. 96-99)
- França, J. A. (2009) A Arte em Portugal no século XX. 1911-1961 (Livros Horizonte, Lisboa)
- Moniz, G.C. (2011) O Ensino Moderno da Arquitectura. A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69) Dissertação de Doutoramento em Arquitectura. Departamento de Arquitectura. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Não publicado.
- Moreira, M.V. (1950) Problemas da Habitação. Estudos sociais (s.n., Lisboa)
- Basto, E.A.L. e Barros, H. (eds.) (1943) Inquérito à Habitação Rural . I Vol. A Habitação Rural no Norte de Portugal (Minho, Douro Litoral, Trás os Montes e Alto Douro) (UTL, Lisboa)
- Barros, H. (ed.) (1947) Inquérito à Habitação Rural . II Vol. A Habitação Rural nas Províncias da Beira (Beira Litoral, Beira Alta e Beira Baixa) (UTL, Lisboa)
- Távora, F. (1947) O Prolema da Casa Portuguesa. In Cadernos de Arquitectura, Nº 1
- Belo, D. (2012) Portugal Luz e Sombra (Temas e Debates, Círculo de Leitores, Lisboa)
- Daveau, S. (2005) Portugal Geográfico (Edições João Sá da Costa, Lisboa)
- Daveau, S. (2008) Os Anos de Formação de Orlando Ribeiro. Finisterra, XLIII, 85, p. 19-34
- Demangeon, A. (1926) Un Questionnaire sur L'Habitat Rural. Annales de Géographie, t. 35, nº 196, p. 289-292
- Demangeon, A. (1927) La Géographie de L'Habitat Rural. Annales de Géographie, t. 36, nº 199, p. 1-23
- Demangeon, A. (1909) Enquêtes Regionales. Type de questionnaire. Annales de Géographie, t. 18, nº 97, p. 78-81
- Demangeon, A. (1920) L'Habitation Rurale en France, Essai de classification des principaux types. Annales de Geographie, t. 29, nº 161, p. 352-375
- Demangeon, A. (1936) Trois questionnaires et trois enquêtes de géographie humaine Annales de Geographie, t. 45, nº 257, p. 512-518
- De La Blache, V. (1946) Princípios de Geografia Humana (Cosmos, Lisboa)
- Derruau, M. (1973) Geografia Humana, 1ª Vol. (Editorial Presença, Lisboa)
- Girão, A. A. (1941) Geografia de Portugal (Portucalense Editora, Porto)
- Girão, A. A. (1946) Geografia Humana (Portucalense Editora, Porto)
- Leal, J. (2008) Arquitetos, Engenheiros, Antropólogos: Estudos sobre arquitetura popular no século XX português (Fundação Marques da Silva, Porto)
- Maia, H. e Cardoso, A. (2012) O Inquérito à Arquitectura Regional: contributo para uma historiografia crítica do Movimento Moderno em Portugal. IV Congresso de História da Arte Portuguesa. Atas, CD-ROM (APHA, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa)
- Martonne, E. (1925) Le Congrès du Caire et l'avenir des Congrès géographiques internationaux. Annales de Géographie, XX-XIV, p. 113-132



- Meneres, A. (1999) Keil e o Inquérito à distância de 40 Anos. In CML, Keil do Amaral. O Arquiteto e o Humanista (CML, Lisboa) p. 118-123
- Neves, H. (1893) A Cava de Viriato: Notícia Descritiva e critico-histórica: com um appendice a propósito dos moinhos do pintor... (Imprensa Lusitana, Figueira da Foz)
- Niny, H. J. (1941) Inquérito Habitacional (Ministério do Interior, Lisboa)
- Oliveira, E. V.; Galhano, F. (1992) Arquitetura tradicional Portuguesa (Dom Quixote, Lisboa)
- Pereira, N.T.P. (2000) Reflexos Culturais do Inquérito à Arquitetura Regional. J.A. 195
- Ribeiro, O. (1938) Inquérito de Geografia Regional (Instituto para a Alta Cultura, Coimbra)
- Ribeiro, O. (1939) Inquérito do Habitat Rural (Instituto para a Alta Cultura, Coimbra)
- Ribeiro, O. (1977) Introduções Geográficas à História de Portugal (Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa)
- Calouste Gulbenkian, Lisboa), p. 289-298
- Ribeiro, O. (1991) Opúsculos Geográficos - IV Volume- O Mundo Rural (Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa), p. 317-355
- Ribeiro, O. (1998) Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico (Livros da Sá da Costa, Lisboa) 1ª ed. 1945
- Ribeiro, O., Lautensach, H.; Daveau, S. (1989) Geografia de Portugal, Volume III- O Povo Português (Edições João Sá da Costa, Lisboa)
- Rossi, A. (2001) A Arquitetura da Cidade (Cosmos, Lisboa)
- Saraiva, Clara, " António Jorge Dias (1907-1973): 100 Anos de antropologia em Portugal"
- Em linha, 02 de Junho de 2013, consultado 02 de Junho de 2013. URL
- http://www.folclore-online.com/pessoas/textos/100_anos_antrop_portugal2.html#.UataSdl3s41
- Stone, H. K. "The Development of a Focus for the Geography of Settlement" Economic Geography, Vol 41, Nº 4 (oct., 1965), pp 345-355. Published by Clark University. Accessed 02/11/2012 URL: <http://www.jstor.org/stable/141945>
- Távora, F. (1947) O Problema da Casa Portuguesa. Cadernos de Arquitetura, p. 11-13
- Tostões, A. (1997) Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50 (Publicações FAUP, Porto)
- Wolff, D. (2005) Albert Demangeon (1872-1940) pilar de la Escuela Francesa de Geografia. Eria, 68, p. 273-295
- Wolff, D.« Albert Demangeon : un géographe face au monde rural (jusqu'en 1914) », Ruralia [En ligne],
- 18/19 | 2006, mis en ligne le 31 décembre 2010, consulté le 10 avril 2013. URL : <http://ruralia.revues.org/1241>

